



A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA INDÚSTRIA CALÇADISTA EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

Pedro Saulo Nascimento Mascarenhas¹
Dayse Maria Souza²

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é compreender as relações de trabalho na indústria calçadista em Vitória da Conquista – BA, tendo como lócus de estudo a Indústria DASS. Partindo de uma análise dialética, onde se buscou compreender a precarização do trabalho não a nível local, mas em nível mundial, no atual contexto de globalização das relações capitalista de produção. Porém, entendendo o processo de precarização não como condição atual dos moldes capitalista de exploração, mas como historicamente inerente a sua existência.

Apesar do trabalho já ser ontologicamente precário dentro do capitalismo, a precarização deste se intensifica a medida que o capitalismo avança. As reestruturações no sistema produtivo capitalista, nada mais são que soluções para as crises do capital, e com isso sempre gera ataques a classe trabalhadora, sempre aumentando seu grau de exploração. E para que isso ocorra, desarticulam os sindicatos, o desemprego é cada vez maior, o aparato ideológico também aumenta, assim como a repressão. Assim, a classe dominante, enfraquecendo a classe trabalhadora, os explora de maneira cada vez mais intensa. Esta realidade foi observada a partir dos trabalhadores do setor de calçados em Vitória da Conquista – BA.

Em um período de globalização, ou seja, as relações capitalistas estão cada vez mais intrincadas, e com o neoliberalismo, que gerou a liberdade para as indústrias se deslocarem entre os países, no discurso de gerar emprego, porém, geram desemprego de onde saem, só buscam garantir seus lucros, em tempos de crise estrutural, essa a partir da década

1 Graduando no Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista da Iniciação Científica UESB/Voluntário, vinculado à pesquisa “Luta pelo trabalho na periferia urbana de Vitória da Conquista: mobilidade, permanência camponesa e reprodução da vida nas contradições do urbano”. Endereço eletrônico: pedro.sauloo@hotmail.com.

2 Professora Doutora do Departamento de Geografia - UESB/Campus de Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Pesquisa, Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais <http://estadocapitaltrabalho.wordpress.com/> e do Grupo de Pesquisa Trabalho, Mobilidade do Trabalho e Relação Campo- Cidade. Endereço eletrônico: dayse_mra@hotmail.com



de 1970, com a destituição do sistema fordista/taylorista. Ocorre a necessidade então de atacar o trabalho para o capital se reproduzir, ou seja, flexibilização.

METODOLOGIA

A fim de atingir os objetivos propostos por essa pesquisa a referida pesquisa ancora-se nos pressupostos apresentados pelo método do materialismo histórico e dialético. Considera-se que o método é o norteador de toda pesquisa, onde a escolha desse definirá os objetivos finais da pesquisa, orientando todo o trabalho. Além disso, o método é uma ferramenta política, pois este orientando os objetivos da pesquisa, produzirá uma determinada visão sobre um fenômeno, ou um tema. Sendo político então, servirá para um fim. Esse fim pode ser a neutralidade científica, ou a posição política, e a crítica. Dentro de um método positivista, a neutralidade científica é importante, pois assim naturalizara o modo de produção instituído, servindo para exaltar o modo de produção dominante, ou reformá-lo. Dentro de outros métodos, a realidade poder ser metafísica, criada a partir das idéias, e moldando a realidade segundo conceitos criados por abstração. Porém dentro do método materialista, a realidade prescinde de olhar para o mundo concreto e tentar entendê-lo, criando conceitos a partir da realidade concreta. Diante dessa breve exposição sobre a função de um método de análise, optamos por um método que prese pela crítica, e com isso a autonomia política e material dos trabalhadores.

Para entender a realidade dos trabalhadores, está sendo feito leituras e fichamentos de diversos livros e textos. O material teórico tem sua base no marxismo, pois este autor, e todos os outros que se baseiam em seu pensamento, destrincharam de melhor forma a relação do capital com o trabalho. Buscando uma visão dialética do processo de reprodução do capitalismo.

Para o contato com a realidade foram feitas entrevistas com os trabalhadores do setor calçadistas em Vitória da Conquista/BA. Assim como a busca por informações da empresa, do sindicato, e de órgãos públicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Para Alves (2007) é de sua determinação estrutural a constituição sistêmica de processos de precarização do trabalho vivo, e com isso formas históricas de precariedade social. O ator afirma que a principal forma de precariedade social, é o sistema de trabalho assalariado, predominante na sociedade burguesa há séculos. Os homens e mulheres se tornaram proletários, pela expulsão de suas posses ou terras, perdendo com isso os meios de reproduzir sua vida material, sendo a venda da sua força de trabalho a saída para sua sobrevivência. Assim, forma-se a base para a exploração da classe trabalhadora, tendo também se formando uma “superpopulação relativa” totalmente à mercê do mercado.

De acordo com Antunes (2009) no desenrolar da luta entre os entes antagônicos, capital e trabalho, surge na segunda metade do século XX, o “contrato social”, esse que era como um acordo de paz na luta de classes, onde os representantes do capital conseguiam garantir direitos sociais e políticos ao mundo do trabalho, devido ao seu grande crescimento durante o período fordista. Embora, como destaca o autor, esses direitos eram garantidos exclusivamente a classe trabalhadora dos países centrais. Esse “contrato social” é indicado por Alves (2007), como o “Estado social”. Para este, “o Estado social *ocultou* para os segmentos organizados da classe trabalhadora a condição estrutural de precariedade do trabalho vivo no modo de produção capitalista”.

É somente com a crise estrutural que esse pano sobre as contradições, não se mantém; nesse sentido o processo de precarização se acelera cada vez mais, ficando exposta a condição de precariedade do trabalhador.

Neste sentido, a preocupação do capital personificado é promover a “flexibilidade laboral”, e combater os “mercados rígidos de trabalho”, esse do período fordista do Estado do Bem-estar Social. De acordo com Alves (2004), no Brasil, na era do neodesenvolvimentismo (2003-2013), sob os governos Lula e Dilma, aumentaram as modalidades flexíveis de contratação laboral no Brasil.

Desse modo, para Vasapollo (2005), o trabalho no modo de produção capitalista tem se mostrado cada vez mais flexível, desregulamentado, e com isso precarizado, de maneira sem precedentes. Os trabalhadores se veem cada vez mais estressados, devido ao mal-estar no trabalho, submetidos a essa situação frente ao desemprego, e o medo de não conseguir garantir sua sobrevivência.

Assim ocorre esse processo de flexibilização na Dass. Segundo os questionários aplicados, dos 62 entrevistados, constatou-se que, 85,48% dos trabalhadores entrevistados se declararam como multioperadores, o trabalhador passa a ter várias funções, e não apenas uma como no fordismo/taylorismo, deixa então de ser o apêndice da máquina, onde executava apenas uma função, se tornando essa muito entediante. Perdendo as



suas forças anímicas como coloca Karl Marx em sua grande obra prima, *O Capital tomo I*, perdendo assim seu potencial criativo.

Este processo ocorre com os trabalhadores de calçados em Vitória da Conquista. Segundo conversa com os trabalhadores que possuíam várias funções, eles se mostraram insatisfeitos com essa condição, pois realizam todas as atividades, além de terem que saber operar várias máquinas, realizando várias funções, organiza o seu setor e fazem a limpeza. Tornando flexíveis, sendo deslocado para qualquer função a qualquer momento.

Portanto, observou-se que a indústria não tem “preconceito” mesmo para contratar trabalhadores, pois esta absorve trabalhadores de todas as idades, e de todos os tipos de escolaridade. Mas a pergunta é o porquê, a indústria se mostra assim tão “solidária”? Essa é uma estratégia de poder explorar mais os trabalhadores, pois estes com idade avançada, e com escolaridade baixa, não têm consciência nem alternativa para sua condição de vida, e de emprego.

Segundo as entrevistas apenas 36% dos trabalhadores entrevistados acham que seu salário garante saúde, alimentação, transporte e lazer. Nesses 36% estão os trabalhadores que possuem maiores salários, como os terceirizados e líderes de setores, e uma parte de operários. Porém quando os operários que responderam “sim” a essa pergunta, divide as despesas familiares com outras pessoas que também trabalham em seu núcleo familiar, ao contrário da realidade geral dos trabalhadores, onde 71% destes, sustentam sua família com apenas o salário que ganha.

Assim, como foi possível observar, as relações de trabalho apresentadas na indústria calçadista DASS em Vitória da conquista – BA são intensamente precárias. Os trabalhadores apesar de receberem um salário e carteira assinada, estão exaustos com o seu trabalho, devido à imposição do ritmo pelas metas a serem cumpridas, cansados pelo barulho das máquinas, pelo cheiro da borracha, pelas humilhações verbais que sofrem por trabalhadores que são superiores na hierarquia. Esta situação é imposta como sendo a única alternativa de sobrevivência. Subjugados pela lógica de exploração perversa do capital, se veem na incerteza, e até mesmo no inevitável desemprego.

CONCLUSÕES

O trabalho na indústria calçadista de Vitória da Conquista – BA, se mostrou precário pela própria fala dos trabalhadores, esses que sem alternativas frente ao desemprego, se



submetem ao trabalho cada vez mais intenso, mais precário. A instabilidade do trabalho é grande, a maioria dos trabalhadores não conseguem ficar mais de dois anos na empresa, a pressão do cumprimento das metas é muito grande, podendo dar justa causa em sua demissão por isso e por outros motivos. A indústria pode sair a qualquer momento que achar melhores condições de reproduzir seus lucros para sobreviver, na concorrência global. Nesse sentido a única alternativa que sobra para os trabalhadores, é se organizarem de maneira global, e destruírem na raiz esse modo de produção que torna ontologicamente sua vida precária, e cada vez mais precária.

Palavras-chave: Capital. Trabalho. Precarização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital**. 2ª edição. Londrina: Praxis, 1999.

_____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2ª. Ed. Londrina: Práxis, 2007.

_____. **Terceirização e neodesenvolvimentismo no Brasil**. Blog da Boitempo, 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a negação e afirmação do trabalho**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

VASAPOLLO, L. **O trabalho atípico e a precariedade**. Expressão popular, São Paulo. 2005.